

MILHA 12



Número 2
Março de 2024

GAZETA COOLTURAL DE GENTE LIVRE

"Longe do ponto de partida e ainda mais longe do ponto de chegada."

Ilustração PM



Em 2024 a Disney perde os direitos autorais sobre o personagem Mickey Mouse de 1928 em "Steamboat Willie "

AB INITIO

O PRIMEIRO MILHA 12 É DOS PARDAIS?

É verdade. Voou para todo o lado. Os ecos que chegaram foram de incentivo. Sim, somos reincidentes: o leitor tem nas suas mãos o número dois do Milha 12.

Milha 12, porquê? Perguntaram, com razão, alguns leitores. Com razão, porque, no número um, não era dada qualquer explicação sobre o título. Nostra culpa.

É tempo de explicar. O “i” do título Milha 12 já dá uma pista: é um marco miliário. Neste caso, assinala a milha XII da via romana entre Braga e Lisboa. Terá sido erguido durante a época do imperador Tibério César Augusto, entre os anos 23 e 25 da nossa era. Celebra, por esta altura, a linda idade de 2000 anos. Uma vida! Merecia ter, agora, uma vida melhor?

Já agora. Este Tibério ressuscita como “Tiberius”. “Desbocatus”, para os amigos leitores do jornal cujas páginas polui com desvairados conselhos(!). Deve ser da idade!

Embora o Milha 12 não tenha cariz regional, achámos fixe que o seu nome esteja gravado num monólito encontrado em Oliveira de Azeméis, onde se encontra em exposição. Até porque muitos dos seus colaboradores iniciais são desta terra.

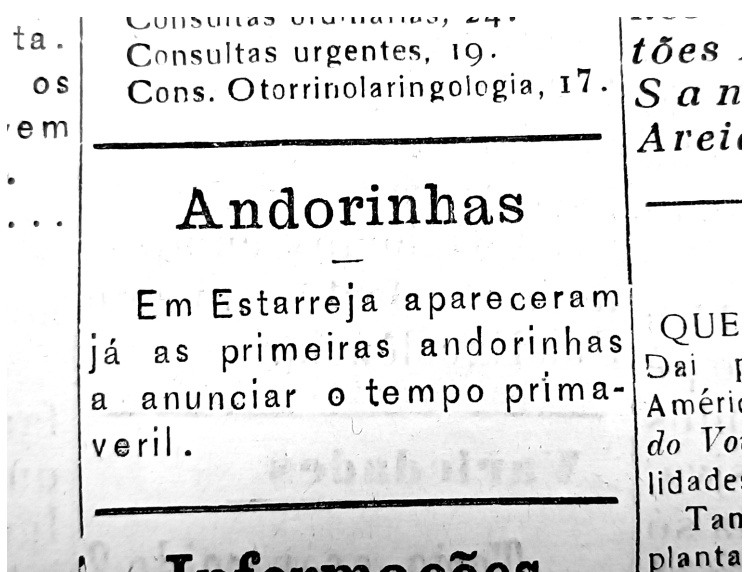
Entretanto, o número de colaboradores aumentou. Apareceram novos prosadores, poetas, fotógrafos e desenhadores. Que venham mais. São bem-vindos. Foi preciso mais papel. Este número tem vinte páginas. Será para repetir?

Para repetir é, de certeza, o nosso esforço em proporcionar uma leitura que faça sorrir e (porque não) pensar. Com análises mais ou menos profundas e histórias que ressoam com, e, na comunidade. A intervenção cívica é, nos dias de hoje, um imperativo para cada um de nós. Consideramos que pode ser realizada, também, por esta via. Juntos, construiremos uma comunidade vibrante e dinâmica.

O próximo número do Milha 12 sai no dia em que o 25 de Abril faz 50 anos.

Viva o 25 de Abril!

Diretório Coletivo do Milha 12



As Andorinhas - A Opinião, 8 Fevereiro de 1964



Aqui, espero por Ti

Ansiosamente te aguardo
E neste exercício de te pensar
Posso desde já esperar
O quanto virás em esplendor
Atrevida, sem pudor

Virás em tons de amarelo
O mais discreto e singelo
Virás em tons de azul
Como noiva em véu de tule
A fundir-se com o céu
Brilhando como troféu
Virás numa profusão de cores
Ornamentada de flores
Vens para inebriar
Enfeitiçar
Deixo-me levar
Sou tua espera
Primavera

Magui Ramalho

LE O MAR

soubessem as águas
ao que vêm os desvalidos
assim apinhados excedentes
quais sobras humanas
e lamber-lhes-iam aflições
fariam cama e quentura
a premiar a bravura
de se furtarem à fome
uma onda-néctar viria
em carícia anónima

secaram todas as lágrimas
tatuadas na pele crestada
os improvisados mareantes
por mais que eles sejam
não os vê o mundo
e já mal lhes quer
sem os conhecer
jazem às centenas
contam-lhes os corpos
aritmética obscena

Rosa Melo

Nova carta do menino da pilinha!

José Emídio, pintor e professor.
Fevereiro 2024

Tomamos conhecimento, através da “Milha 12” número I, editado em dezembro último, de uma carta enviada pelo Menino da Pilinha, dando conta de que, afinal, não tinha sido furtado, mas antes, tinha desertado do seu pedestal de décadas. Farto da companhia do soldado e da senhora da espada e de ouvir os comentários das crianças sobre a sua eterna “mija”, por vezes interrompida, pois ou faltava ou cortavam a água.

Acontece que acabo de receber na minha caixa de correio, uma carta desse mesmo “Menino” e que reza assim.

“Caros amigos, sei que, desde o momento em que decidi partir do meu pedestal, muita coisa aconteceu. Desde esse momento, a minha viagem pelo mundo teve momentos de grandeza humana, de beleza e encantamento naturais, de uma extraordinária dimensão, lembrei-me várias vezes da obra do nosso Ferreira de Castro, particularmente, a sua obra “Maravilhas Artísticas do Mundo”. Por outro lado, vi horrores, pobreza extrema, fome, guerras, coisas que nunca imaginei existirem, numa escala tão avassaladora.

Por ter conhecido o mundo, no seu melhor e também no seu pior, também porque senti, inesperadamente, uma nostalgia enorme, do meu lugar de sempre, também, desculpem-me a fraqueza, porque tive saudades do soldado e da senhora da espada, mesmo das crianças a dizerem sempre a mesma coisa, até nem me importando com as cagadelas dos pássaros, a chuva sempre vai lavando tudo, resolvi, também, pela calada da noite e disfarçado, regressar ao meu lugar, julgando que poderia retomar o meu lugar sem que ninguém notasse, provavelmente convencer o clone que me substitui, para que partisse e me deixasse ali ficar de novo.

Qual o meu espanto e mesmo choque, o tal clone, não passa de uma versão menor, desqualificada, sem escala, sem expressão, ou melhor, com uma expressão que de infância, nada tem, consta que o povo, na altura, comentou que “o menino, parece um velho”, fazendo lembrar a representação das crianças, no estilo gótico, tempo em que ainda não se dominavam as proporções das figuras, neste caso, no rosto das crianças.

Eu nem vou falar disto ao meu “pai” artístico, o grande escultor Sousa Caldas, artista maior, das artes portuguesas na primeira metade do século XX, professor de referência na Escola Soares dos Reis, e Infante D. Henrique, no Porto, presidente de júris de exame, em várias escolas do país, consta até que na Escola Soares Basto, pois ficaria entristecido profundamente, com tamanho amorismo, na forma como resolveram a minha ausência.

Convencido, o meu clone nem se importaria nada de ir para outras paragens, aliás, ele até me disse que poderia ser refunfido, pois nunca gostou do seu aspeto, nem do gozo com que, a toda a hora, o humilham.

Há um problema, é que se eu for para o meu sítio de sempre, ninguém vai perceber o que se passou. Partiu o original, colocaram um clone no seu lugar e agora aparece o original de novo e desaparece o clone? Não está fácil...

Claro que, mesmo com estas dúvidas e apesar delas, a única decisão razoável e justa, era a minha versão, a original, mesmo que retocada por escultor capaz e há artistas com dimensão para o fazerem, ser recolocada no meu pedestal. Os oliveirenses merecem ter-me com o bom e elegante aspeto de sempre e a qualidade escultórica que se exige. E agora?”





O Arcádia

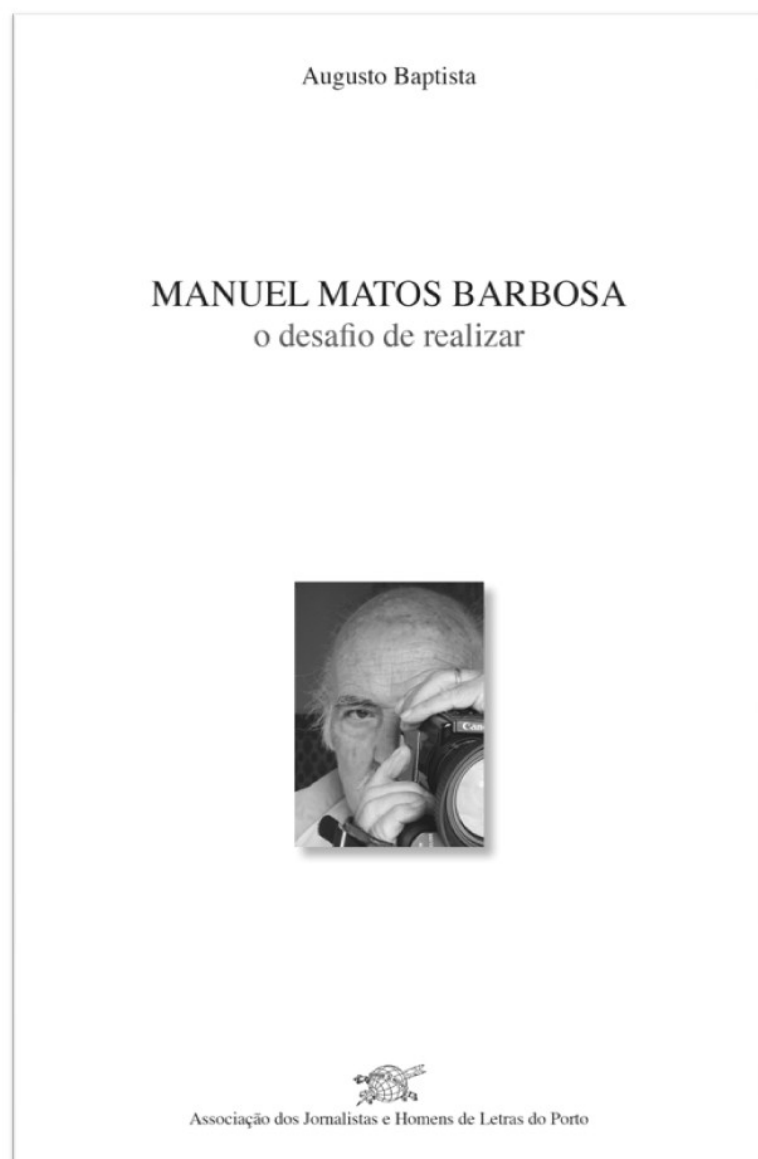
Tirou o jornal da prateleira. Futebol para encher as páginas e entupir as ruas e vielas, cinzentas, esburacadas quase todas, um despautério da Margonça ao Pinheiro. Barafunda entre os transeuntes, com a vitória do clube da terra em Penalva do Castelo, idos de setenta e dois, a subida inesperada de divisão. Gaitas, apitos, os rufos de quarenta e tal *zês pereiras* a pregarem fundo diante do *Arcádia*. Eram as conversas que quase todos tinham à mesa de madeira do café, politiquices à parte, é bom de ver, sussurradas, mal contadas, quando o centro da vila era *o jardim*. Era nas mesas do café que se conversava, jogadores, treinadores, curiosos e coscuvilheiros, sobre o regresso a um trono perdido, restabelecido, mesmo que secundário. Sentavam-se quase todos de frente para as tílias, o monumento aos mortos da grande guerra e, mais lá para baixo, para a novinha residência da justiça, nua no seu número feminino, vendada e de espada na mão. Sendo domingo, ninguém se lembrava da variante redentora ao tráfego intolerável.

À mesa, cavalheiros respeitáveis, com casacos e gravatas escuros, camisas brancas e rugas no canto dos olhos, davam loas à iniciativa privada. À espera de fazer ver que tinham feito negócios vantajosos. Nenhum deles parecia do género de mudar de ideias, andavam todos a caminhar devagarinho, de modo costumado. O sorriso era escarninho quando, da mesa, os vultos de negro avistaram, rua acima, uma velhinha malsucedida a comandar um *austin mini*. A cara do costume para lembrarem o último verão no jardim, quando se recrearam à grande. Ei-las, de supina, as duas velhotas de calção cinzento acima do joelho. O que as suas pernas roliças e gordinhas faziam lembrar? Por enquanto, ainda se conseguia por de parte o nosso mundo pequenino: *Bom. Eram inglesas!...* Do *Arcádia* todos ocupavam a praça, a vila à mão de semear. Como pareciam tranquilas, aquietadas, as manhãs de domingo, sem estrondos, buzinas, horas a descambar. Com o trânsito menos encravado, ninguém sentia a falta dos polícias sinaleiros, da sua cara chata, arreliada...

Rui Gomes

MANUEL MATOS BARBOSA

o desafio de realizar



AB: Essa entrega ao cinema, ao fazer cinema, aconteceu devagar, foi acontecendo?

MMB: Entro meio a brincar. Quando o meu amigo António Matias foi trabalhar para a Suíça, comprou uma câmara de filmar de 8 mm. Mandava-me filmes. E eu perguntava-me: "O que vou fazer com isto?" Fui ao Porto e comprei em segunda mão um projetor de 8 mm. Atrás do projetor de 8 mm, o Toni Hilário, que era agente da AGFA, vendeu-me uma máquina de filmar paga a prestações, custou três mil escudos.

Este extrato do livro *Manuel Matos Barbosa – o desafio de realizar*, recentemente editado, mais não é do que um aperitivo para a interessante história de vida de Matos Barbosa e para o ambiente que se vivia em Oliveira de Azeméis, sobretudo na segunda metade do século XX, que a obra descreve.

Escrito a partir de conversas tidas no Café Gama (durante e depois da pandemia), o autor, Augusto Batista (AB) - jornalista, fotógrafo, escritor, desenhador -, foi puxando pela(s) memória(s) de Manuel Matos Barbosa (MMB) - cineasta internacionalmente premiado, artista plástico, criador de banda desenhada. Dos diálogos entre estes dois oliveirenses, resultou um relato vivo, não só da vida e da obra de Matos Barbosa, mas também, da de Oliveira de Azeméis. Por lá desfilam cenas da sua vida como cineasta, como realizador de documentários e de filmes de animação, mas, também, como animador do Cine-Clube de Oliveira de Azeméis, crítico de cinema, jurado em festivais de cinema nacionais e internacionais. Não é esquecida a sua postura de cidadão atuante e de democrata convicto.

Revivem-se, também, interessantes (por vezes deliciosas!) histórias passadas com pessoas (Pinto do cinema, Toni Hilário, Alberto Serrano, Alberto Couto, Padre Salgueiro, tios Artur e Leopoldo Barbosa, etc.) em locais icónicos de Oliveira de Azeméis (Leitaria Oliveirense, Café Flecha, Arcádia, Lusitano).

Relembra-se, ainda, instituições marcantes da vida cultural da então vila (a Escola Livre, o Cine-Clube e a ARCA – Associação Recreativa e Cultural de Azeméis).

Bem escrito, num estilo ritmado e de leitura agradável (é difícil parar de ler!), a pena de Augusto Batista gerou uma obra essencial para os amantes de cinema e de Oliveira de Azeméis.

AB: Sem memória não há amanhã.

MMB: Eu tenho um percurso de vida conhecido e, em relação ao meu encontro com Oliveira, ele é negativo neste momento. Eu gosto de me mobilizar, de ir à procura de coisas anteriores, porque tudo isso se perdeu, se está a perder, ninguém sabe, ninguém conhece, ninguém procura saber.

O livro está à venda no Café Gama - Av. Dr. António José de Almeida, 294 – Oliveira de Azeméis.



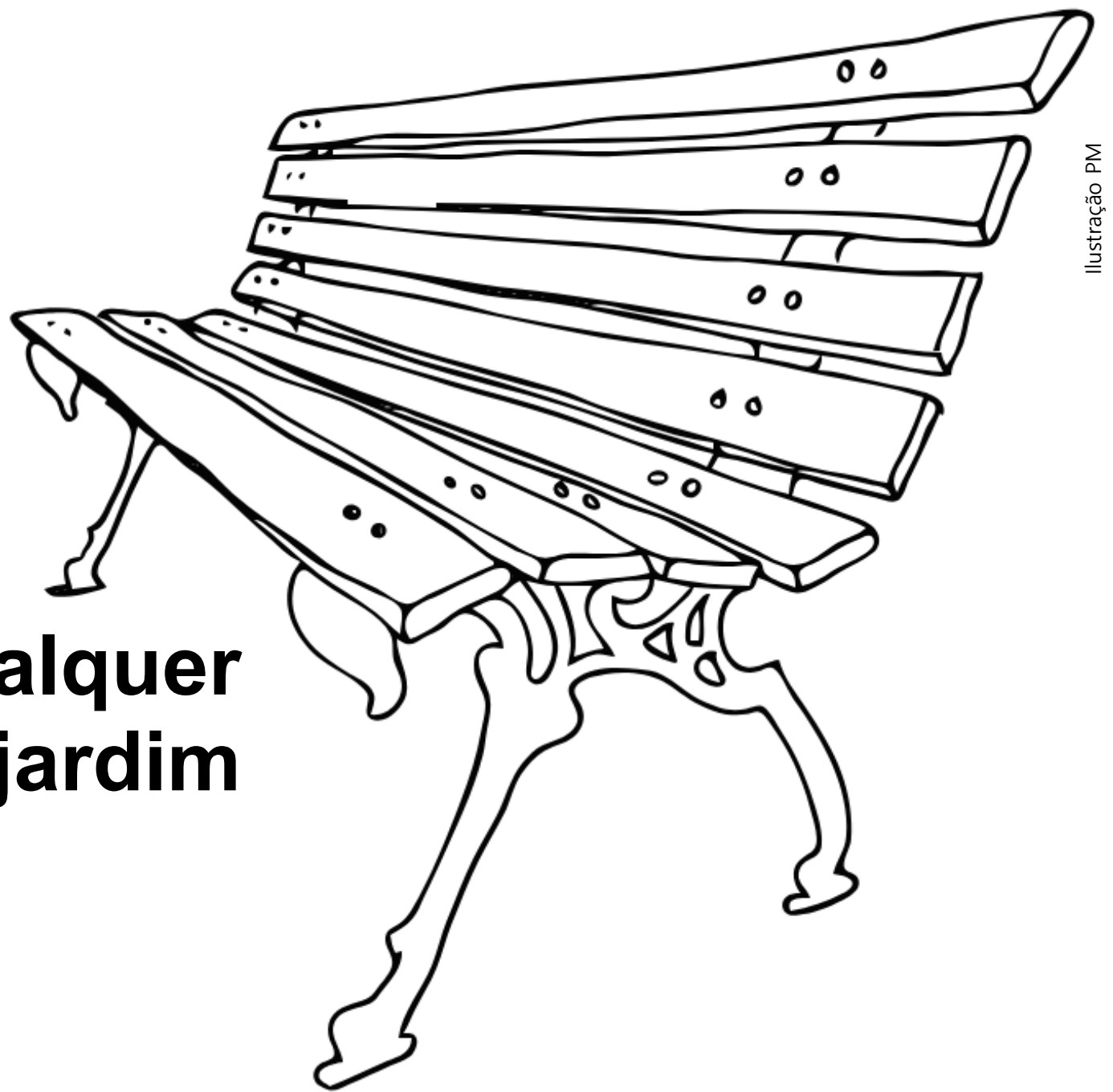


Ilustração PM

Num qualquer banco de jardim

António Jorge Soares de Almeida

Mal o vi fiquei logo apaixonado! Aquele olhar sábio, aquela calma que mete confusão a alguém mais novo.

Procurava pela manhã um sítio onde dava o sol, deitava-se e ali ficava inerte, confundia-se com a vegetação.

Passei algum tempo a olhar para ele. Não imagino o quão bonito terá sido em tempos idos. Era grande, imponente, tinha uma cor amarela e um ar de verdadeiro conquistador. Agora, era calmo, pesado, como se carregasse os pecados do mundo! Mas não podia carregá-los, era um canídeo e para estes não há Deus!

A vida deste animal fez-me imediatamente olhar para a minha. Não sou novo nem velho, casa dos cinquenta. Uma idade que não é carne nem peixe! Uma porcaria de idade na verdade! Temos completa noção que há uma forte probabilidade de não fazermos outros cinquenta.

Um dia também estarei num banco qualquer de jardim ou de café à procura de alguém que fale comigo, ou apenas à espera de uns raios de sol.

O esplendor de outrora está a chegar ao fim. A vida de facto é um ciclo que não para e o pior é a noção que começamos a ter disso!

Nas férias via aquela beleza de animal. Já nenhuma cadela se interessava por ele, apenas um outro, mais novo, muito companheiro. Conforta-me pensar que era amigo, mesmo amigo, daqueles que nos acompanham na vida e não nos largam, nem nos procuram apenas quando precisam.

Assim que saía de casa e batia o portão o mais novo fugia, o amarelo ficava, olhava para mim, assim como quem dizia – quero lá saber! Adoro esta maturidade, mas ao mesmo tempo acho-a perigosa, acho que nos devemos importar sempre. A minha avó dizia muitas vezes, “cabra manca não tem sesta” e eu não percebia! Agora percebo bem, se andarmos mais devagar, temos de andar sempre, senão ficamos para trás, isolados!

Imagino as dores reumáticas que este animal não terá, assim como terei quando for velho.

A dor é algo indescritível, a única pessoa que a soube descrever foi uma utente do António Lobo Antunes, quando este exercia medicina. A doente chegou ao consultório e ele como de costume perguntou:

- Então como tem passado?
- Mal Senhor Doutor “tudo à força de lágrimas e ais”.

De facto o António tem razão, foi a melhor descrição que ele ouviu da dor e eu também. A senhora era analfabeta. Vejam lá!

Passava por ele de bicicleta na mão, olhava-o e ele a mim, havia um respeito mutuo, tenho a certeza que me achava desinteressante para perder o seu curto tempo comigo. Montava a bicicleta e lá ia eu junto à ria em direção ao mar.

No circuito passava quase sempre por um senhor com claros problemas mentais, que me erguia a mão dizendo bom dia, eu como seu par, fazia igualzinho, apenas com a certeza que era sete vezes pior que ele, mas de uma forma mais discreta!

Lá ia eu a cheirar a maresia e os primeiros raios de sol a baterem-me no rosto e esquecia tudo, porque estou vivo e de aparente saúde, então tudo é nosso e logo nos esquecemos do que deveríamos pensar mais aprofundadamente.

Qualquer dia o velho macho também estará à mercê de familiares que entrarão casa adentro a decidir o futuro, cheios de certezas, dizendo o que é melhor para nós, que o lar é próximo e que irão lá todos os dias, que teremos pessoas da mesma idade para falar etc...

Mas raios! Eu tenho a certeza que quero estar na minha casa, no meu terraço a ouvir a minha música, a ler um bom livro, a beber o meu copo. Na altura voltarei a fumar novamente, já não irá fazer muito mal! Só quero isso! Nunca fui muito exigente com coisas materiais.

Então aí terei a certeza que o fim está próximo, mas valeu a pena a passagem por cá! As conquistas, os azares, os amores, os desamores...

Tudo valeu a pena!

“Ai não, que não valeu!”

Outra definição de saudade

Qualquer música melodiosa
Liberta uma fragrância de saudade
Uma inebriante esperança ditosa
Na corrente da sensibilidade.

À luz amena de uma melodia
Desabrocham flores de amendoeira
É o êxtase, elixir da simetria
Na claridade de uma manhã soalheira.

A saudade é uma bandeira verde
De idílico mar do sonho de ser de
Um mundo de paz e meigo altruísmo

É vanguarda emocional de idealismo
E amor, serenidade e quietude
Num lar de harmonia e plenitude.

Augusto Lemos, 23/11/2004

FICHA TÉCNICA
Milha 12 - Gazeta Cooltural
2 de março de 2024
Próxima edição - 25 de abril 2024

DIRETÓRIO COLETIVO
José Brandão de Sousa | Nuno Araújo | Paula Sousa | Paulo Monteiro

MORADA
Rua António Bernardo 500, 2ªfase, 5ºEsq
3720-301 Oliveira de Azeméis

DESIGN E COMPOSIÇÃO GRÁFICA
Paulo Monteiro

COLABORADORES DESTE NÚMERO
António Jorge S. Almeida | António Luís Costa | A. Grilo |
Augusto Baptista | Augusto Lemos | Avelino Cabral | BAP |
José Brandão de Sousa | João Amorim | José Carlos Soares
| José Emídio | Luís Barbosa | Magui Ramalho | Matos
Barbosa | Manuel Alberto Lino | Miguel Araújo | Nuno Araújo
| Octávio Lima | Paula Sousa | Paulo Monteiro | Rosa Melo |
Rui Gomes | Rui Conde Pinho | Rui Graça Feijó | Soraia
Besteiros | Sérgio D'Azeredo | Vitor Melro

IMPRESSÃO
Graficamares, Lda
Rua Parque Industrial Monte de Rabadas, No 104720-608
Amares

DEPÓSITO LEGAL
525497/23

TIRAGEM
250 exemplares

PROPRIETÁRIO
Clube Literário de Oliveira de Azeméis

ESTATUTO EDITORIAL
milhadoze.wixsite.com/milha-12/estatuto-editorial

CONTATO
milhadoze@gmail.com

SITE
milhadoze.wixsite.com/milha-12



Ilustrações PM

NA MANIF

A. Grilo

Eram dois. Apareceram de uma transversal e
juntaram-se à manif que já engrossava, avenida abaixo.

Desenrolaram a faixa e pegando pelos paus, um de
cada lado, ergueram-na bem alto.

A jornalista, com o câmara atrás, olhou para a faixa.
Aproximou-se e apontou o micro:

- De que partido são?

- Não somos de nenhum partido. Somos contra o
sistema!

- Sindicato?

- Não! Já disse. Somos contra o sistema. Os partidos
e os sindicatos não nos dizem nada!

- Mas qual é a vossa mensagem?

- Está no cartaz. É só ver...

- Mas o pano está em branco...

Os homens não ligaram. Continuavam a berrar:

- Partidos do sistema - Todos corruptos! Limpeza
precisa-se!

Lá que têm bons pulmões, têm – pensou a jornalista

- Mas que propõem vocês, além de protestar?

- Está na faixa. Veja bem.

A jornalista estava atônita. No pano branco nada
estava escrito. Estes manifestantes berravam muito, mas
não diziam nada.

Mas, espera... Afinal, o pano tem qualquer coisa
escrita.

Num canto, em letras pequenas, a tinta azul, já meio
deslavadas, conseguiu ler “Propriedade do Hospital de Magalhães
Lemos”.

O CENTENÁRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS “O COMÉRCIO DO PORTO”



Caricatura : Luís Veloso

Em oito de dezembro de 2027, ocorrerá o centenário da inauguração da Escola de Artes e Ofícios “O Comércio do Porto”. A opção pelo título de um jornal para patrono da Escola ficou a dever-se à modéstia de Bento Carqueja, seu fundador. Todavia, esta atitude virá a ter, no futuro, implicações que nunca foram corrigidas.

Em agosto de 1948, aquando de uma reforma do Ensino Técnico Profissional, o artigo 15.º do decreto-lei n.º 37 028 preconizava que, nas localidades onde houvesse apenas uma escola, ela seria designada pelo nome da localidade. E assim apareceu a denominação Escola Industrial e Comercial de Oliveira de Azeméis.

No entanto, o mesmo artigo admite que poderá haver outra denominação, “quando isso se justifique simultaneamente como homenagem pública a singulares méritos pessoais e consagração de atos de especial benemerência em favor da própria escola.”.

Nessa altura, desgraçadamente, não houve, nem na escola nem na terra, ninguém que defendesse que, com base nesta última citação, o nome de Bento Carqueja teria, finalmente, treze anos depois da sua morte, de ser consagrado como patrono da escola que fundara.

Na década de sessenta, a Escola Preparatória, que passou a ocupar o edifício mandado construir por Bento Carqueja, conseguiu ver aprovada a denominação de Escola Preparatória Bento Carqueja.

Na década de oitenta, na sequência da mudança para as novas instalações na Zona Escolar, a sua denominação passou a ser Escola Preparatória de Oliveira de Azeméis.

É nesta altura que, aquando da visita a Oliveira de Azeméis do Ministro da Educação, Dr. José Augusto Seabra, e não havendo nesta terra uma escola que homenageasse a figura de Bento Carqueja, o presidente do Conselho Diretivo da então Escola Secundária de Oliveira de Azeméis apresentou ao Ministro a possibilidade de Bento Carqueja ser nomeado patrono da escola que era a única e legítima continuadora da Escola de Artes e Ofícios “O Comércio do Porto”. O Ministro, conhecedor e admirador da obra de Bento Carqueja, aplaudiu a ideia e propôs que instrísse o processo e lho enviasse porque teria muito prazer em deferi-lo. Infelizmente, tal não se veio a concretizar, ao que parece porque a Escola Preparatória de Oliveira de Azeméis a isso pôs reticências.

Houve, então, várias tentativas de encontrar uma solução que devolvesse o seu a seu dono, mas todas as propostas foram recusadas. Até que a Escola Preparatória de Oliveira de Azeméis invocou o artigo 4.º do decreto-lei n.º 93/86, de 10 de maio, que admitia que as escolas do ensino preparatório e secundário poderiam manter “o nome do patrono que lhes foi atribuído no respetivo diploma de criação ou em diploma posterior.”

E, assim, a Escola Secundária de Oliveira de Azeméis foi aconselhada a apresentar, caso estivesse interessada, uma nova denominação.

Seis anos mais tarde, em 1998, na sequência da publicação do decreto-lei n.º 314/97, o Conselho Pedagógico da Escola Secundária de Oliveira de Azeméis aceitou uma proposta do Prof. António Magalhães, que entendia que a melhor forma de ultrapassar o impasse em que se encontrava a questão do patrono, era atribuir-lhe o nome do seu “segundo pai” (Soares Basto).

Acontece que Soares Basto era já, desde 1924, e ainda é, patrono da Escola de Palmaz e tinha, como ainda tem, o seu nome atribuído a ruas e travessas em Palmaz e nesta cidade. Duas escolas no mesmo concelho com o mesmo patrono não nos parece nada correto. E menos o será quando a figura consensualmente aceite como relevante na promoção do ensino técnico no nosso concelho, e não só, continua a ser objeto de uma grande ingratidão por parte da terra que tanto amava.

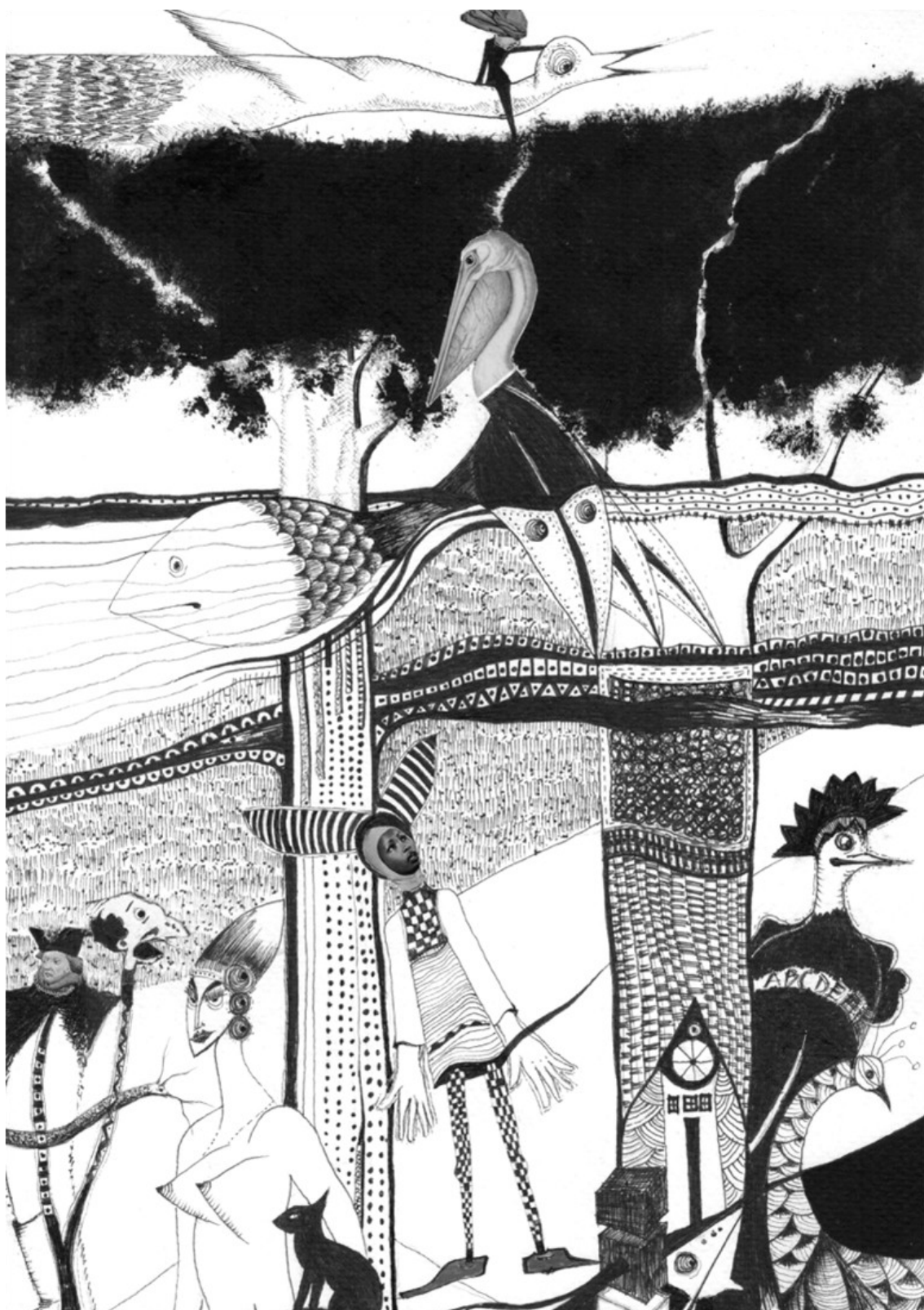
Aproxima-se o centenário da inauguração da Escola de Artes e Ofícios “O Comércio do Porto”, que não teria sido possível em 1927, se não fora a iniciativa, o dinamismo, a visão de futuro e a influência de Bento Carqueja, tanto a nível local como nacional.

A comemoração deste centenário seria o momento certo, apesar de muito tardio, para homenagearmos este egrégio oliveirense e escrevermos o seu nome na fachada da Escola que deve ser reconhecida como a continuadora dos ideais que presidiram à sua criação.

Não haver, nesta cidade, uma Escola que ostente o nome do seu ilustre fundador é, para nós, de uma enorme injustiça. Têm a palavra a Direção da Escola e a Câmara Municipal, para, nos próximos três anos, corrigirem um erro que nos indigna.

Avelino Cabral

10 de janeiro de 2024



“PRECISO DE VOAR COM OS PÁSSAROS”
aguada de nanquim, colagem,
caneta Pilot 0,5 e tinta de nanquim. sobre papel Lana
sérgio d’azeredo

**“...olhei e contemplei, estava uma porta aberta no céu:
...vi um novo céu e uma nova terra, porque o
primeiro céu e a primeira terra, tinham deixado de existir...”**

James Redfield, in a “A Décima Revelação”

O artista é sempre ele próprio e a sua circunstância, a sua maneira de estar no mundo das coisas, dos homens, entre as suas vivências poéticas e a afirmação plástica da própria vida, uma vida que se apega ao corpo. Não é no entanto a vida que pretendo representar. Nunca seria possível fazê-lo bem, dado que ela está sempre fugindo na miragem da infinidade de um pensamento, de um olhar, em perpétuos recuos e desejos. O que eu pretendo é mostrar os momentos de uma busca incessante, guiado por gestos impregnados de dramatismo, de olhares ansiosos, por vezes calmos, por vezes frenéticos, intuitivos, que vagueiam em suportes diversos, tentando agarrar o “feeling” do momento, transformando-o em imagens gráficas, que traduzam espaços e tempos, realidades alternativas, improváveis, rumo a um realismo fantástico, onírico.

O que eu procuro, com os meus trabalhos, é que a consciência selectiva do receptor penetre na mensagem, rumo a uma alternativa existencial da realidade que nos rodeia, num saber ver que está para além do óbvio, numa viagem do pensamento livre de conceitos e estereótipos, numa permanente desconstrução dos mecanismos de consagração e recepção do real e, no entanto, do que eu preciso, é de voar com os pássaros e seguir com eles, como um falcão peregrino.

sérgio d’azeredo

DEMONSTRE UM
POUCO DE
INCONSCIÊNCIA!
LEIA O MILHA 12!





Ilustração Soraia Besteiros

A tristeza funde-se com a raiva num mundo reduzido à insignificância da ignorância.

Nada mais faz sentido, quando o próprio sentido se corrói por entre as palavras ocas daqueles que tentam iludir os homens com gestos falsos e promessas vãs.

Será uma luta longa. Uma luta entre os que acreditam no Homem e os que gostariam de ser os únicos homens no mundo. Uma luta entre os que se envolvem na diferença e os que vivem para a aniquilar. Uma luta entre os humanistas e aqueles para quem a humanidade nada mais é do que o seu cubículo enfeitado de artificiais futilidades.

Vamos percorrendo o caminho perigoso da intolerância disfarçada de mudança, da perseguição disfarçada de justiça e do abuso disfarçado de segurança.

Permitimos ao nosso mundo transformar-se numa dualidade extrema de saberes e posições em que o tempo escasseia para qualquer tomada de opinião e ainda conseguimos esquecer as flores que nos deram a paz, afunilados pela nossa própria falta de consciência. São tantos os sonhos que temos, tantas as canções que gostamos de cantar, foram tantos os que tombaram em nome da liberdade que tanto queremos desprezar. Este mundo trará consigo as qualidades mais depreciativas daqueles que não gostamos, mas, sobretudo, daqueles que gostamos. Resta-nos o consolo de saber que ficaremos do lado certo da história.

Miguel Araújo

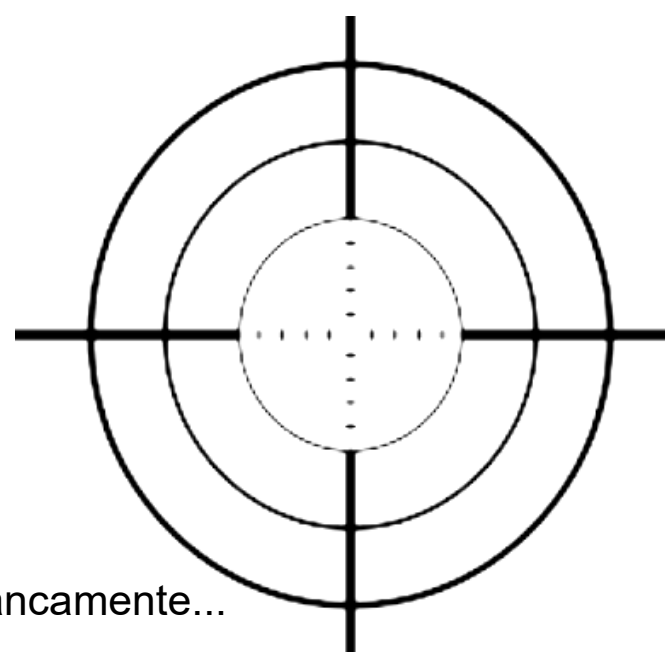
PRECISÃO

Puxou a culatra atrás, bala na câmara, três tiros! Resultado: matou um, abateu outro, liquidou um terceiro.

O morto foi o mosquito que lhe infernizava a noite; o abatido foi o elefante que não lhe largava o ecrã do televisor; o liquidado foi ele próprio com esta história que, francamente...

Mas cuidado, senhores da hermenêutica, o sujeito tem pontaria!

Augusto Baptista



Fotografia: Carlos Cunha



À la minuta

Carlos Cunha

“Avô, junta-te a nós...vá lá...vamos tirar uma foto para recordação das férias!”.

O avô, passo lento que as pernas já não ajudavam, juntou-se ao grupo. Sentiu-se feliz no meio da ruidosa companhia. Postou-se bem no centro do grupo

Sorriam! Smile! Pronto já está!

O avô, sensibilizado pelo momento, anunciou: “tenho umas coisitas para vos contar. Agora não. Logo mais.”

Mais tarde, em momento oportuno e com netos em seu redor, o avô desfiou recordações. Disse ele:

“Era eu um pouco mais novo que vós, agora. Não havia dias de férias para os que trabalhavam. O meu pai, vosso bisavô, era operário. Recebia todas as semanas o salário. Davam-lhe o nome de fêria. Não confundam com férias! Faltar ao trabalho só por doença ou morte de familiar próximo. Esses dias eram descontados na tal fêria.

No Verão, uma ida da família, na camioneta da carreira, em alguns – raros - domingos até à praia do Furadouro era uma grande excepção, uma festa. Porém, a festa maior era a excursão anual. Muitas famílias do lugar em que vivíamos entregavam uma quantia semanal, uma quota, ao longo do ano, na mercearia cujo dono organizava a ida até Fátima e, depois, até à Nazaré.

Uma vez, num dos dias anteriores à excursão, meu pai achou que tirar umas fotografias seria interessante. Para mais tarde recordarmos, dizia. Cheio de infantil curiosidade, acompanhei-o à loja do sr. Fernando. No exterior, uma grande placa, postada na vertical, letras pretas em fundo amarelo, dizia: “Estúdio Fotográfico”!

Ladeando a estreita porta de entrada caixilhos afixados com muitas fotografias tipo-passe de crianças. Em breve, também iria ter uma minha naquela mostra. Iria precisar para o meu primeiro Bilhete de Identidade. Passada a soleira da porta, muitas fotos em exposição. DE diferentes dimensões, todas a preto-e-branco. Uma de grande dimensão sobressaía: era do David Pappuso, em pose para o retrato!

Pessoa fora do comum, um extravagante, sem eira nem beira. Naquela fotografia, o Pappuso dava ares de músico otomano. Barrete colorido na cabeça, empunhava uma espécie de trompa por si construída com materiais sem préstimo que recolhia ou pedia. Pendente, um bombo seguro por um cordel. Mas o que mais prendia era o seu olhar, dirigido à objectiva. Um olhar intenso e enigmático como a sua própria vida.”

Um dos netos interrompeu o avô: “ Tu conheceste-o?”. “Sim, sim. Falarei dele noutra altura”.

E prosseguiu: “Havia um pequeno balcão. Surgiu o sr. Fernando que saudou meu pai e perguntou o que ali o levava. Meu pai disse que íamos numa excursão e que gostava de tirar uns retratos, se podia alugar um Kodak mas que precisava de instruções pois nunca houvera feito tal. O sr. Fernando respondeu que sim. Trouxe uma máquina fotográfica. E disse que iria carregá-la com filme, que o meu pai tinha de olhar para uma janelinha na parte de trás e depois carregar no botão à direita em cima. Depois era só rodar na roda saliente e já podia tirar a foto seguinte. Que quando viesse do passeio trouxesse a máquina que trataria das fotos.

A excursão aconteceu como o previsto. Muita alegria, muita festa. Aqui e ali, meu pai empunhava a máquina e... zás! Uma foto e depois outra. Na segunda-feira seguinte nova ida à loja do sr. Fernando. Devolver a máquina e combinar quando podiam ter as fotografias. Dias mais tarde o sr. Fernando informou que não havia foto alguma. Revelara o filme e estava tudo preto como breu. Alguma coisa de errado acontecera.”

“Ohhhh! Que pena!” exclamaram os netos.

O avô fez uma pausa. Sorriu. Pegou num envelope e tirou do seu interior uma foto. Amarelecida. Era bem antiga. “Nem tudo se perdeu. Dessa excursão ficou esta fotografia de recordação. Foi um daqueles fotógrafos ambulantes que a tirou. Uma fotografia “à la minuta”. Estamos todos aqui. Eu sou este miúdo, aqui à frente” disse, apontando com o dedo.

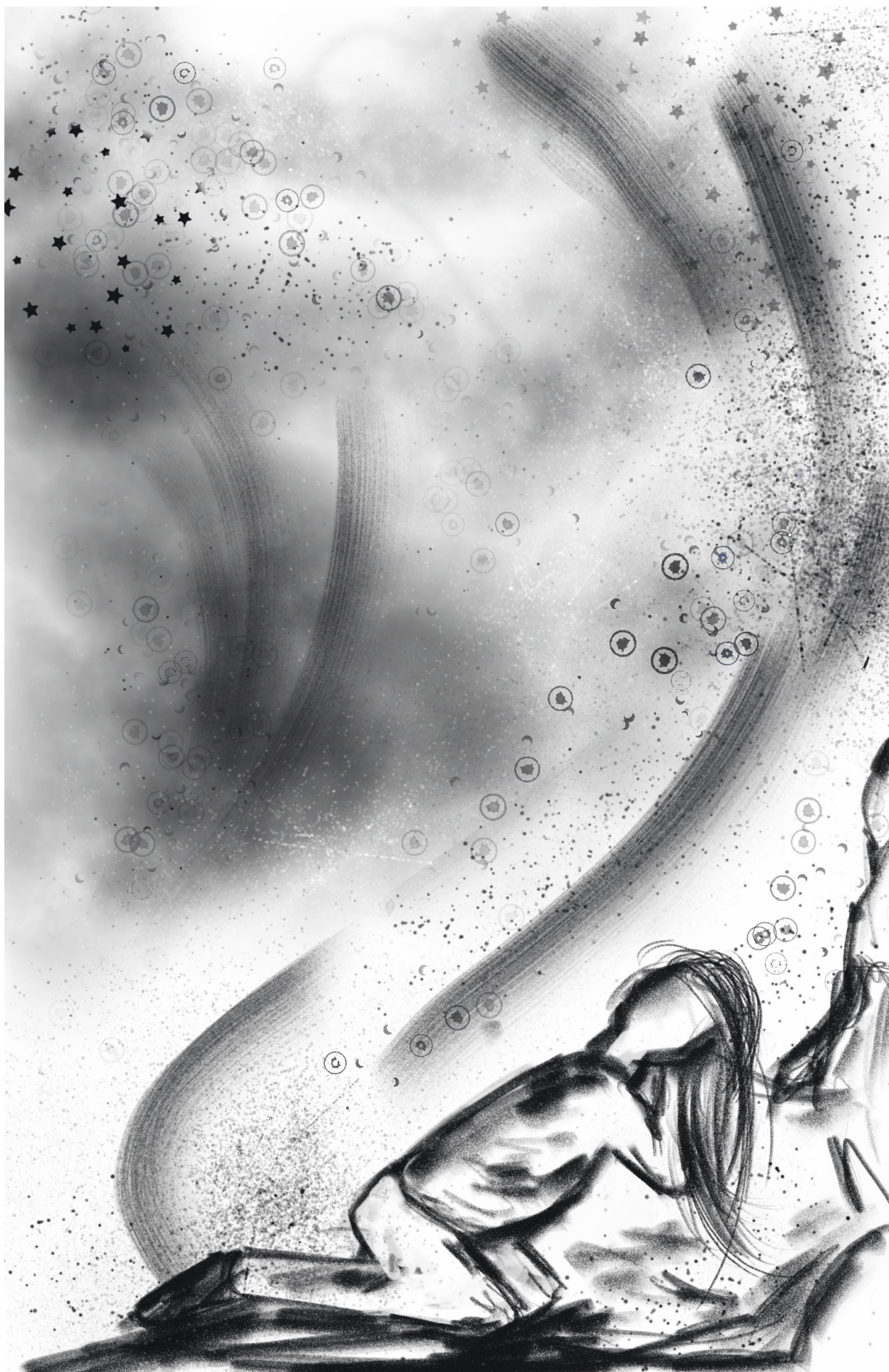


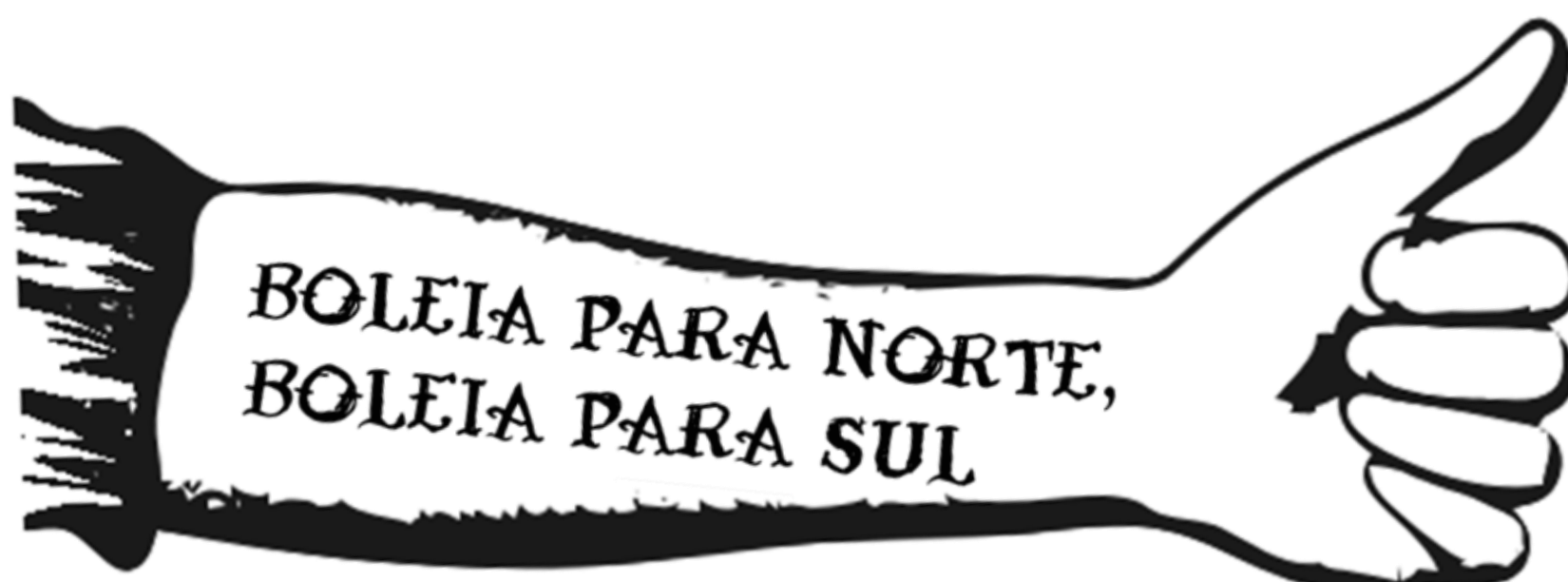
Ilustração Soraia Besteiros

O SAL DAS PEDRAS

Nuno Araújo

Carreguei com afinco o sal das pedras que saborearam o mar. A violência do teu toque cândido fez-me chorar pássaros, como as palavras que outrora te dediquei à frente do velho carregado de tempo. A vontade é muda, o sonho neutro e longe vai o tempo em que o riso daquela criança acendeu na memória um futuro perdido.

Hordas de servos arrastam os pés na rua, cabisbaixos e desumanizados, carregados daquele sal que queima o sangue pueril do amor. Não há remorso, nem culpa, nem pena, só o vazio preenche depois de horas de entrega à conveniência desnecessária. O arrepio foi transitoriamente cálido e tornou-se clarividente, como a água daquela fonte límpida que rejeitaste tocar. A tua voz perdura como um murmúrio de silvos, tristes, apenas tristes, como que vindos de uma fileira de destroços esquecidos pela luz. A ternura desprende-se da pele como pó cinzento, e regressa à terra, na esperança de nela ressurgir como pedra salgada.



Patrícia e José conheceram-se no calor de uma manifestação em Coimbra. Era uma tarde de junho de 1974 e a palavra de ordem 'Nem mais um só soldado para as Colónias' reverberava por toda a baixa coimbrã. A euforia generalizada empurrara-os para a primeira fila de um sector da manifestação, e a espontaneidade do momento fizera-os avançar de braço dado pela rua da Sofia.

Findo o cortejo, os manifestantes dispersaram-se. Tenho sede, disse Patrícia. Que tal darmos uma saltada às festas de Santo António? sugeriu José. Aí saciaram a sede, perante as poucas sardinhas conseguidas com os escassos escudos que levavam no bolso. Depois desceram ao Mondego, onde, já tarde e longe da algazarra, contemplaram a lua cheia e esboçaram tímidos traços de um futuro em comum.

Ela, de Mogofores, oriunda de família ligada a madeireiros. Ele, de Melgaço, gerado e criado numa recatada família de lavradores. Concluído o Liceu, ambos rumaram para Coimbra para cursar Letras. Vendo-se bacharel, José começara a dar aulas na Mealhada, conseguindo conciliar a atividade pedagógica com a frequência das aulas na faculdade. Patrícia só começaria a dar aulas em Vale de Cambra após a conclusão da licenciatura.

Foi nessa altura que decidiram juntar os trapinhos. Uma tia da Patrícia, que vivia na Escravilheira, indicou-lhes uma amiga que fazia o favor de disponibilizar temporariamente um quarto por quantia simbólica.

Todas as manhãs, cada um tomava o seu destino. Patrícia, para o norte, onde, numa rotunda, aguardava a boleia de um colega. José, para sul, ora no autocarro dos Oliveiras, ora à boleia. Foi nessa altura que decidiram juntar os trapinhos. Uma tia da Patrícia, que vivia na Escravilheira, indicou-lhes uma amiga que fazia o favor de disponibilizar temporariamente um quarto por quantia simbólica.

Todas as manhãs, cada um tomava o seu destino. Patrícia, para o norte, onde, numa rotunda, aguardava a boleia de um colega. José, para sul, ora no autocarro dos Oliveiras, ora à boleia.

Várias foram as viagens que fez ao lado de motoristas, partilhando histórias de vida durante o trajeto ronceiro através de neblinas e nevoeiro por vezes cerrado.

Ela não tinha horário completo, pelo que tinha muitos 'furos' que aproveitava para ler. A sua postura tranquila e ternurenta cedo atraíram alguns pais em busca de apoio pedagógico para os seus educandos.

Um deles, proprietário de um café, depressa disponibilizou um cantinho para as aulas da sua filha e de outros alunos da escola.

Ao fim do dia, regressavam ao ninho, preparavam as aulas que a exiguidade do espaço permitia e embalavam-se naquele aconchego de recém-casados.

Há muito que José tinha ido à inspeção militar na rua da Sofia e, embora considerado apto para todo o serviço militar, conseguira ver a sua incorporação adiada todos os anos mercê de repetidos pedidos de adiamento que lhe eram deferidos. Agora, que trabalhava e vira a licenciatura concluída, vivia em permanente ansiedade perante uma eventual convocatória.

Partiram para estágio, cada um para terras distantes. José vivia sempre com o credo na boca não fosse Marte tramá-lo e chamá-lo às suas fileiras, interrompendo o estágio e, porventura, alterando o seu futuro e a sua carreira.

Um telegrama do seu pai sossegou-o, finalmente. O seu nome aparecera na lista da reserva territorial. Estava dispensado de serviço militar obrigatório, podendo, perante os superiores interesses da Nação, ser convocado até aos 45 anos. Nesse dia, houve festa em várias casas.

Octávio Lima

noite

João Amorim

Luzes acesas.
Casas frias.
Pelo vale uma coreografia de prantos.
Está frio.
Parece que faz cada vez mais frio.

Um fio, demasiado fino, fabrica um arrepio constante.

Janelas? - Postos de vigia.
Ainda assim,
As casas,
Mesmo que frias.

Mesmo que,
Ca-da-vez-mais-frias,

São lençóis de paz.

A noite é uma linha perpendicular que rasga o dia.
Um parque infantil sem baloiços.
Um mosteiro.
De noite
as ruas de todos os dias,
transformam-se em coretos onde as sombras dançam.

Deus, deu a noite e temeu-a.
E deu o frio, para que não se esquecessem.



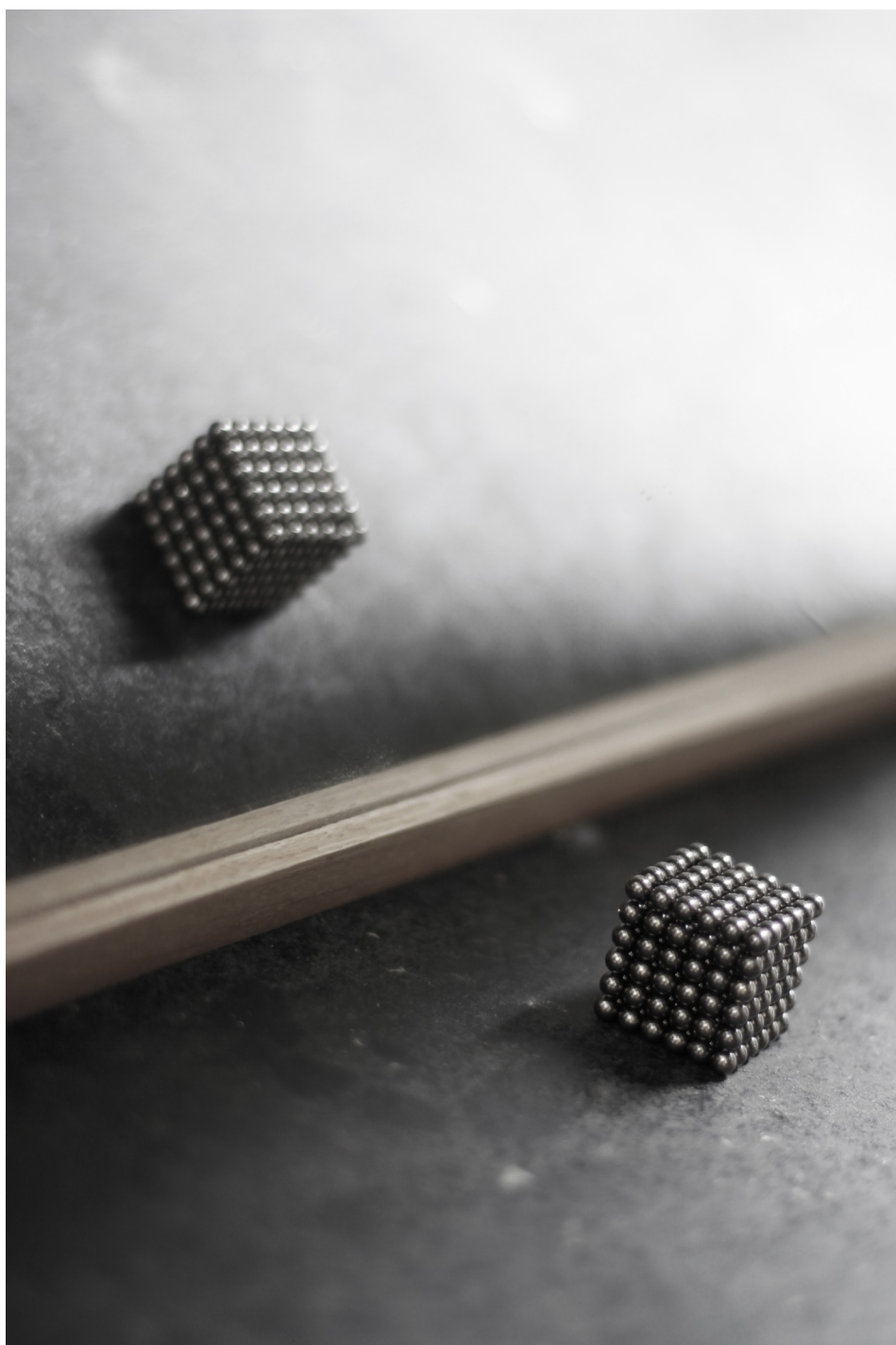
Fotografia - António Luís Costa

Fome

sobre a mesa um livro.
de poesia.
uma fruteira. vazia.
e um pão.

abri o pão.
meti o livro dentro do pão.
o pão na mão.
e comi.

José Carlos Soares



Fotografia: Luis Barbosa

ESTILHAÇO

Estilhaço vou recolhendo os estilhaços do meu corpo com as
sombras das minhas mãos vou lavando o meu rosto;
guardo os segredos dentro de mim deixo o veneno a circular
sou um bicho estranho e mal disposto;

visto os meus ossos de carne morta rasgo a terra com os
meus dentes como as raízes infectadas;
arranco o coração ao peito desfeito num pensamento
imperfeito agarro as mãos das mal amadas;

tudo à minha volta acaba em pó...
o que toco foge nas asas das sombras...
tudo à minha volta acaba em pó...

Luis Barbosa - Dez. 2013

Democracia e crise

Abraham Lincoln definiu Democracia como “o governo do povo, pelo povo, para o povo”. Partindo de dois elementos – “governo” e “povo” – estabelece entre eles **três** nexos.

Muitos sistemas definiram “povo” como uma fracção da população. Com a divulgação do “sufrágio universal”, a ideia de “povo” consolidou-se, e hoje “governo **do** povo” deriva do consentimento popular expresso em eleições baseadas no sufrágio universal.

“Governo **pelo** povo” implica que o exercício da governação não pode estar reservado a uma elite fechada. O direito de votar deve ser acompanhado do direito a ser eleito e exercer uma fatia do poder. Este princípio traduz-se na garantia que a igualdade de oportunidades está na base dos sistemas de governação.

Finalmente, “governo **para** o povo”. Governar não consiste em apontar objectivos – área onde o consenso, não sendo fácil, é possível; governar implica fazer opções entre medidas alternativas que possam conduzir a tais objectivos.

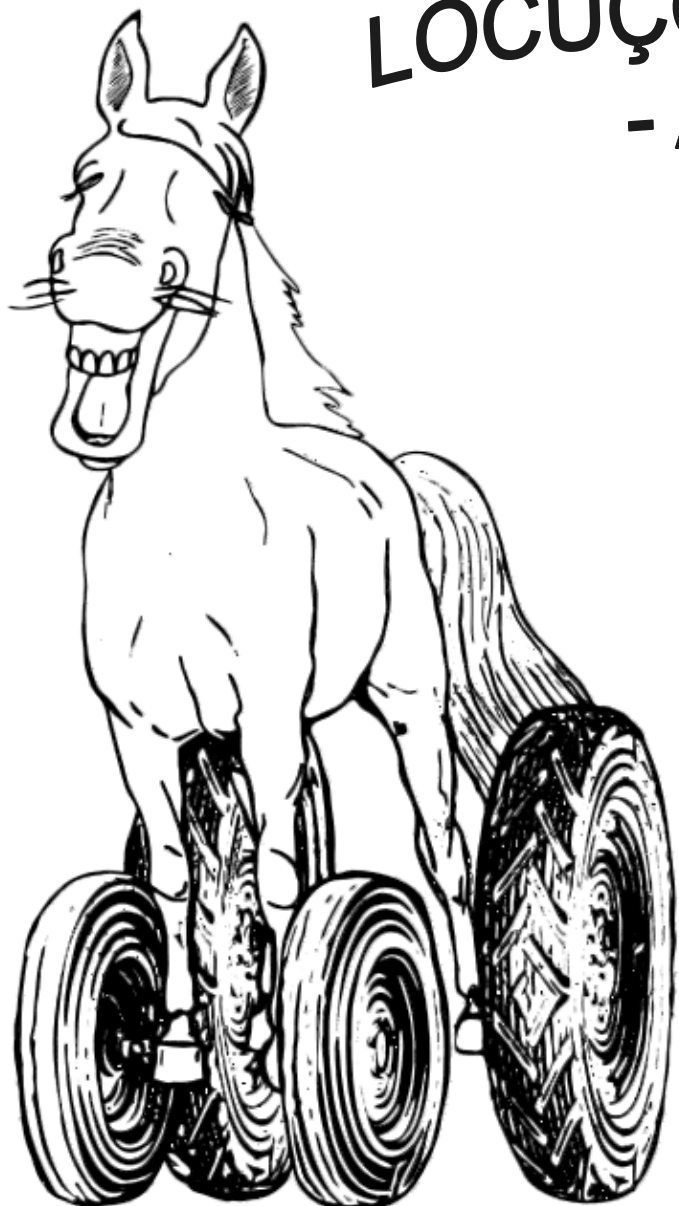
É impossível determinar com antecedência qual a medida que melhor serve os interesses do povo. Essa escolha não pode deixar de ser feita através da voz regular do povo e de confiar em elementos desse mesmo povo o poder – sempre provisório e temporalmente limitado – de aplicar o seu programa.

Sartori sustentou que a “democracia não pode separar o que ela é [enquanto conjunto de regras institucionalizadas] do que ela **deveria** ser”. Ou seja: implica a consideração de uma aspiração popular. É normativa, não neutra ou instrumental. Para Linz, “democracia implica uma noção de responsividade, de tomada de consideração dos desejos, expectativas, valores e interesses do eleitorado” – e não interesses particulares

Quando os valores fundamentais são postos em causa por capturas dos instrumentos que podem ser usados para fins eminentemente particulares, então a Democracia entra em crise – mesmo que aparentemente a suas regras formais se mantenham.

Rui Graça Feijó

LOCUÇÕES ADVERBIAIS DE LUGAR - ATUALIZAR É PRECISO!



O senhor Simbine saiu do escritório para ir tratar de uns assuntos. Tínhamos, apenas, um carro para todos. Quando as “voltas” a dar eram por perto, andávamos a pé. Quando eram mais distantes usava-se o carro. Era o caso de hoje. Lá foi o senhor Simbine de carro.

Passado pouco tempo, aparece alguém no escritório a dizer que o nosso carro estava enfaixado num camião-cavalo (camião com trator e atrelado) no cruzamento do Ministério das Obras Públicas. Como era perto, vou a pé (que remédio! – o senhor Simbine tinha levado o carro) ver o que se passava.

O senhor Simbine estava bem. Havia, apenas, prejuízos materiais. Efetivamente, o camião, com uma das rodas, metera uma porta do carro dentro.

Perguntei ao senhor Simbine como tinha acontecido.

Estava, ainda, em estado de choque, pois a porta abalroada era a do lado do condutor. Repetia constantemente:

- Não sei como foi, não sei! O cavalo vinha na minha atrás... vinha na minha atrás...

Tentei perceber melhor: “à minha atrás”? Que raio queria isso dizer? Eu era caloiro em Moçambique.

Alguém chegou e esclareceu: “na minha atrás” significa “atrás de mim”.

De facto, é assim que se diz em Moçambique. Com uma lógica integral e irrepreensível. Se se diz “à minha direita”, “à minha esquerda”, “à minha frente”, por que raio não se há de dizer “à minha atrás”? Mania de complicar!

José Brandão de Sousa

A SOCIEDADE E LIBERDADE DE EXPRESSÃO ENTRE AMPLITUDES DE LIDERANÇA

Manuel Alberto Lino

As pessoas com capacidade de liderança devem carregar na sua mochila empatia, cortesia, paixão, humildade, adaptação, dedicação e muita resistência. Liderar pelo exemplo, devastando caminhos, deixando marcas e, sobretudo, reconhecendo que chega uma hora em que se deve, com sabedoria, passar o testemunho. Tudo isto, no mínimo, temperado pelo saber observar e escutar toda a sua envolvimento.

Surpreendentemente, ou não tanto assim, a sociedade consegue gerar líderes de plasticina que, repetidamente, molda para ir criando outros, que, de forma contínua e sem um fim à vista, seguem o mesmo trilho de aniquilação.

A atual sociedade não quer vestígios indelévels que a obriguem a fazer escolhas sérias, a afirmar a sua posição. Somos como lenços de papel, de uma só folha. E, de algum modo, todos somos partícipes e cúmplices deste palco e do guião em que aceitámos representar um papel, deveras secundário e submisso.

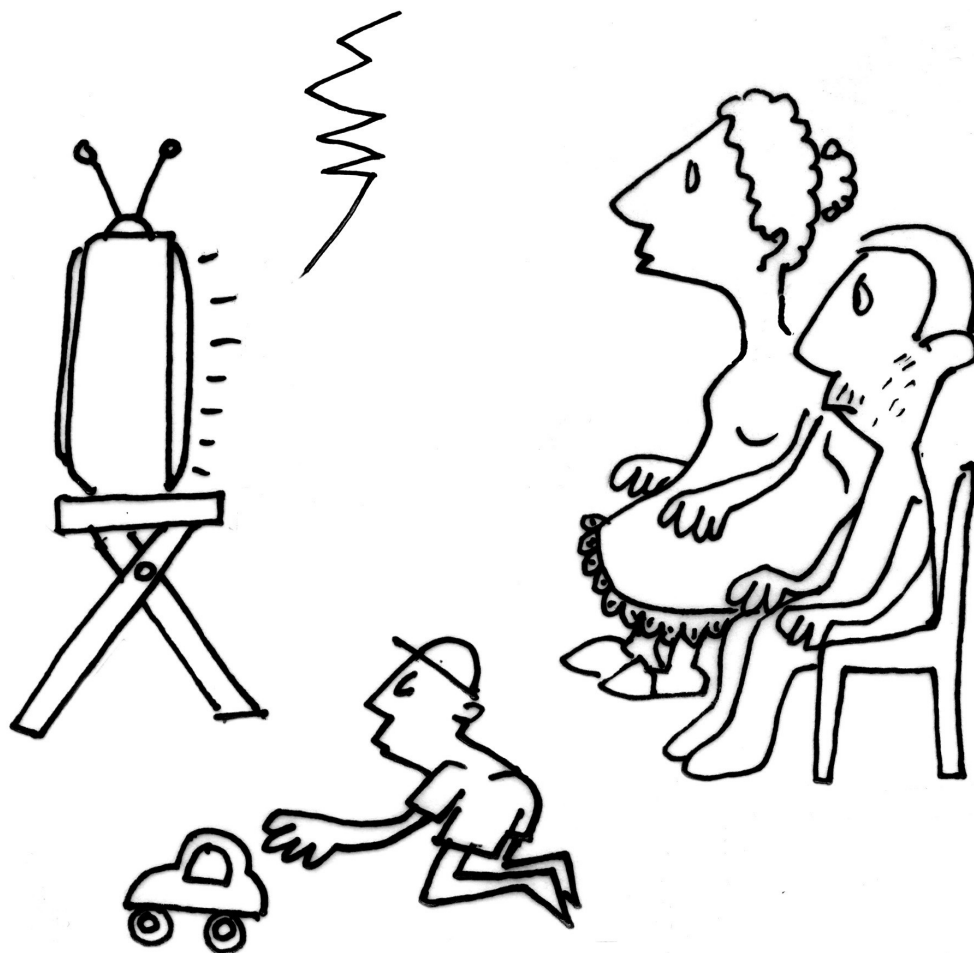
Observa-se, então, que alguns líderes (mundiais ou de relativa proximidade) descobriram matéria-prima de elevada qualidade no desejo de corrigir o seu caricato rumo de ação. Matéria composta de explosivos de ar colorido, na qual pensam camuflar o seu mestrado em mediocridade. Uma exaltação do receio, mas de tal forma eficaz que, na maioria de vezes, termina por registar alguma que outra vitória de pura e dura covardia, levando a que conservem os cetros dos seus reinos imaginários. Disparates que anteriormente teriam passado despercebidos, podem hoje ser considerados como atitudes condenáveis. E a sentença é serem expulsos do círculo.

Em todos os parâmetros da sociedade, existem os melhores perdigueiros e podengos a farejar o território, ávidos por captar quem expressa uma opinião mais ou menos alicerçada e com a mais valia de ser livre. A distância entre ser detetado por um qualquer rafeiro, que está a soldo da mediocridade, e o ponto de mira de um dos membros da matilha, encontra-se a um mero, mas de algum modo gratificado, estampido.

O MILHA 12 NÃO
ASSUME QUALQUER
RESPONSABILIDADE PELOS
BENEFÍCIOS QUE A SUA
LEITURA LHE POSSA CAUSAR!



DIZEM QUE QUEREMOS
RASGAR A CONSTITUIÇÃO!
, MENTIRA!
E MENTIRA!
COM A CONSTITUIÇÃO
QUEREMOS FAZER
AVIOEZINHOS DE PAPEL
PARA OS MENINOS POBRES
BRINCAREM!



BAP



Portugal ficcionalado em **HOLLYWOOD** ou **BATMAN** é Português?

Paula Sousa

Sou especialmente fã de super-heróis, esses seres maravilhosos que a Marvel ou DC Comics eternizam como salvadores da sociedade e do planeta em que vivemos. Curiosamente gosto, em especial, do Batman, não porque habitualmente usa máscara ou é representado por atores lindos, bombados e cheios de flexibilidade.

O que me faz gostar do Batman são todos os outros fatores aos quais não consigo ficar indiferente.

Vejamos:

- O seu melhor dom especial é ser rico (como ele próprio o diz no filme “*A liga da justiça de Jack Snyder*”) e como milionário que é, pode fazer sempre tudo o que lhe apetece;

- Consegue ter a convivência da polícia, a qual fecha os olhos sempre que ele conduz o seu Batmobile a alta velocidade nas estradas e autoestradas de Gotham, sem multas ou indício criminal, levando tudo o que lhe aparece pelo caminho, à sua frente;

- Vive num palacete imenso do qual não há referência ao pagamento de impostos, IMI ou mais valias pela sua herança;

- É perito em esconder a sua verdadeira identidade, mentindo descaradamente a toda a sociedade de Gotham, que não imagina em que negócios trabalha secretamente na cave de sua casa, com o seu grupo de amigos, também eles super-heróis;

- Gosta de formar equipas de acordo com a circunstância escolhendo meticulosamente os seus parceiros de aventura;

- Gosta de formar equipas de acordo com a circunstância escolhendo meticulosamente os seus parceiros de aventura;

- É um benemérito exímio: Gotham apodrece de pobreza, violência, corrupção, e Bruce Wayne é sempre visto como o Homem que faz eventos de beneficência para ajudar os desprotegidos e desfavorecidos;

- Batman é dono de vários satélites o que lhe permite fazer vigilâncias e escutas sempre que lhe aprouver;

- Batman é um ser que aprende com a História e usa a fidelidade grupal como ideia retirada do Rei Artur, ao formar uma mesa redonda onde senta os seus cavaleiros fiéis (cf: filme anteriormente referido) ou seja os Percival, Galaás, Lancelot, Mordred, Tor, Hector e os Tistão deste século;

- É o verdadeiro amigo do seu amigo: num dos seus filmes compra a casa do Super-homem para lhe dar. Aliás, ele não só compra a casa de família do Superman para lhe oferecer, como compra o Banco onde a mesma estava penhorada, acabando assim de vez com as dificuldades que poderia vir a ter com a sua aquisição.

- Tem sempre na sua retaguarda o fiel boy Alfred que bebe chá de cannabis para a indigestão e em quem confia plenamente.

Perante tudo isto, como ficar indiferente?? Tinha de ser o meu super-herói favorito até porque lhe acho umas certas semelhanças com uns e outros da nossa Gotham à beira mar plantada.



O *mau gosto* vem da degradação de comportamentos

Rui Conde Pinho

A decadência cultural e artística é fruto de uma queda moral e comportamental. Enquanto uma ajuda a outra a perecer no fosso do niilismo estético travestido de sociologia, é dever de quem observa aprofundar a crítica com o fim de oferecer um remédio a tudo isso. Mas o remédio não é doce.

Experimente fazer uma crítica pública ao mau gosto ou falta de técnica artística de algum renomado artista ou grupo da sua cidade. É quase certo que será hostilizado, embora com algum embaraço e constrangimento, movidos pela imensa surpresa e ineditismo da sua manifestação. Os media, que são ou por necessidade/ subserviência ou por incapacidade, desaprenderam a fazer crítica e por esse motivo os artistas esqueceram-se de que sua arte não está livre de críticas. Entre os motivos disso está o facto de que os artistas também desaprenderam a fazer arte e, em algum momento, começaram a apresentar coisas de tão baixa qualidade, primando apenas por um refinamento superficial na apresentação ou no visual, que as pessoas não percebiam a ausência de sensibilidade artística ou mesmo de bom gosto.

E desaparecia o BELO.

O senso artístico foi desaparecendo aos poucos, impercetivelmente, substituído por aparências e imitações de sensibilidade.

Uma certa cultura do relaxamento e da indisciplina, tornou os artistas incapazes e inaptos ao entendimento profundo do seu ofício.

Não podendo – muitas vezes pela imposição do “encomendador” e denotando uma subserviência ou incapacidade de demonstração por uma elucidativa memória descritiva de que a Arte não é feita à medida do cliente, mas do Artista – reproduzir com profundidade a obra artística, contentaram-se com comportamentos artísticos, o que normalmente se reduz à técnica não valorizando a criatividade.

Mas como o foco é no comportamento e na imitação, até mesmo a técnica fica em segundo plano.

Não tarda, portanto, para que tecnicamente não se possa mais reproduzir as grandes obras ou reconhecer o seu valor.

Sobra a imitação tosca e sofrivelmente insuficiente. Já não é transigência!!

“Beber” nos melhores exemplos não é desprestígio, é um caminho de aprendizagem.

A prática artística **torna-se**, não mais uma devoção como o era para o artista clássico e amante da beleza, mas **um estilo de vida** que precisa ser repetido e reforçado como adereço à personalidade.

Académicos aderem a modismos de acordo com a atribuição indireta da credibilidade do meio social. Passa-se a fazer Sociologia questionável no lugar de Arte.

Compreendemos, então, por que motivo o crítico é hostilizado.

Ao criticar uma determinada linha artística, seja na música, na pintura, escultura, arquitetura, etc. critica um **modo de vida** específico e, com isso, atinge pessoas num ponto sensível sobre o qual elas não possuem expressão para falar.

Mas é necessária a crítica exatamente por isso. O choque consigo mesmo é imprescindível para gerar um aprofundamento da noção artística, mesmo que seja por meio da **indignação**.

E a crítica deve **sempre** ser questão de debate e fundamentada desviando do subjetivismo e tornando-a objetiva mesmo que não consensual.

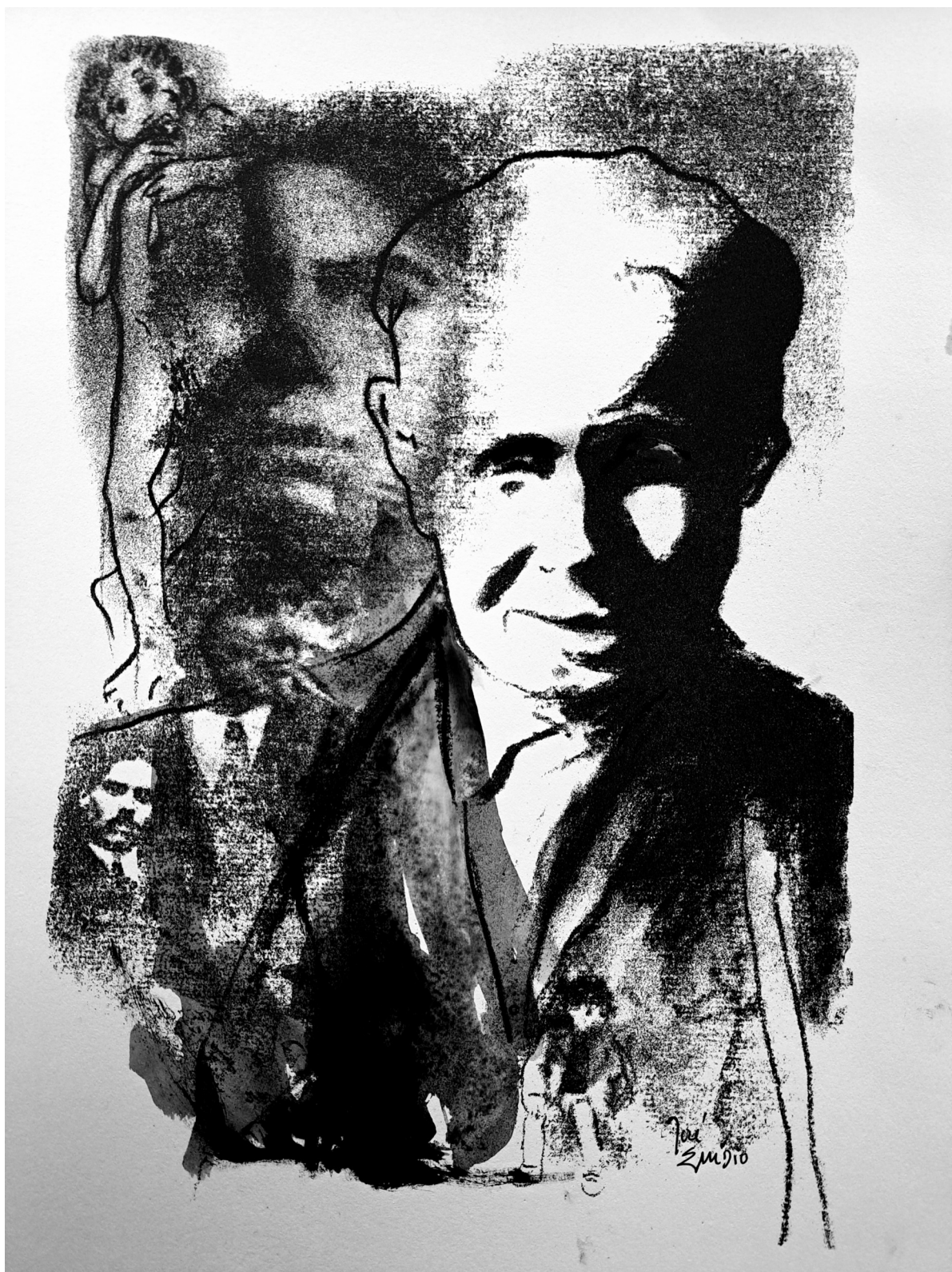
Estamos a correr o risco de “aceitação tácita”, de **banalizarmos o desnexo**.

E não é só na Arte.

A Democracia participativa está em perigo de falência.

O MILHA 12 AVISOU
OS SEUS COLABORADORES
PARA TEREM CUIDADO
COM O ÚLTIMO PARÁGRAFO.
PODE PROVOCAR CRISES!





Pintura: José Emídio

Sempre.
Sempre tanto o tempo.
O tempo nulo em que não sou
até de novo te ver.

Este tempo...

À hora de chegar,
de ter-te por perto e tão dentro,
és
todas as madrugadas de chuva,
e lento te oiço cair,
da boca aos pés

da boca
aos pés,
lento segundo
a cair
num relógio
a cair

tactictac
tac
tac
tac

a espera,
o barulho que dói
Tac tic tac

e depois....

... tu,
a densidade do verde
a passar despercebida ,
que o traço do teu rosto
é tão mais nítido
que a folha, um ramo
ou os braços da árvore,
e depois nós,
ali.

A habitar-nos,
nada mais que almas
fora do corpo das aves,
essas que partem
para o verão de um futuro ausente
levando de nós o cheiro e o beijo,
um entrelaçar de asa,
mãos nossas em voo.

Depois.

Filipa Pinho

Na velha janela, na noite serena,
A luz escapa, a vida amena.
Perdida nos cantos do passado distante,
A alma vagueia, buscando o amante.

Longe, no horizonte, um desencontro aflige,
Abandono e solidão, a alma se esquiva.
Despedida inevitável, como a morte é certa,
No silêncio da noite, a dor se liberta.

Assombro paira no ar, como um espectro,
Na viagem da vida, entre sonhos e factos
Adeus ecoa, como o último suspiro,
Na escuridão da noite, o coração se retira.

Mas na jornada incerta, há um raio de luz,
Na velha janela, renasce a cruz.
A vida segue adiante, mesmo na despedida,
E no ciclo eterno, uma esperança florescida.

Vitor Melro

Fotografia: Manuel Ramos



Não andamos pelas ruas de Veneza.
Aqui queríamos inspirar comédia e arte
Expressões culturais com beleza...
Figuramos no Carnaval por toda a parte.
Por ti bailo, meu atrevido Arlequim
E foi por tudo isto que vim...

Roubaste-me um beijo ardente
Meu bailarino namorador
E eu, columbina inocente,
Cuidei que era amor!
Mas foi Pierrot introspetivo e sofredor
Que no refúgio da escrita calou o seu amor.

Larga-me. Deixa-me ir Arlequim...
Já basta de provação...
Não quero tal vida para mim.
Descobri quem me ama de paixão,
O meu verdadeiro admirador
Que sempre me dedicou seu amor!

Suas lágrimas nunca foram salgadas
Caíam no rosto para lhe limpar alma
Uma a uma, sinceras e ritmadas
Qual balada que me acalma...
Esta é a nossa despedida
Espera-me o amor de uma vida!

Helena Terra



Desenho: Matos Barbosa

A REMATAR

